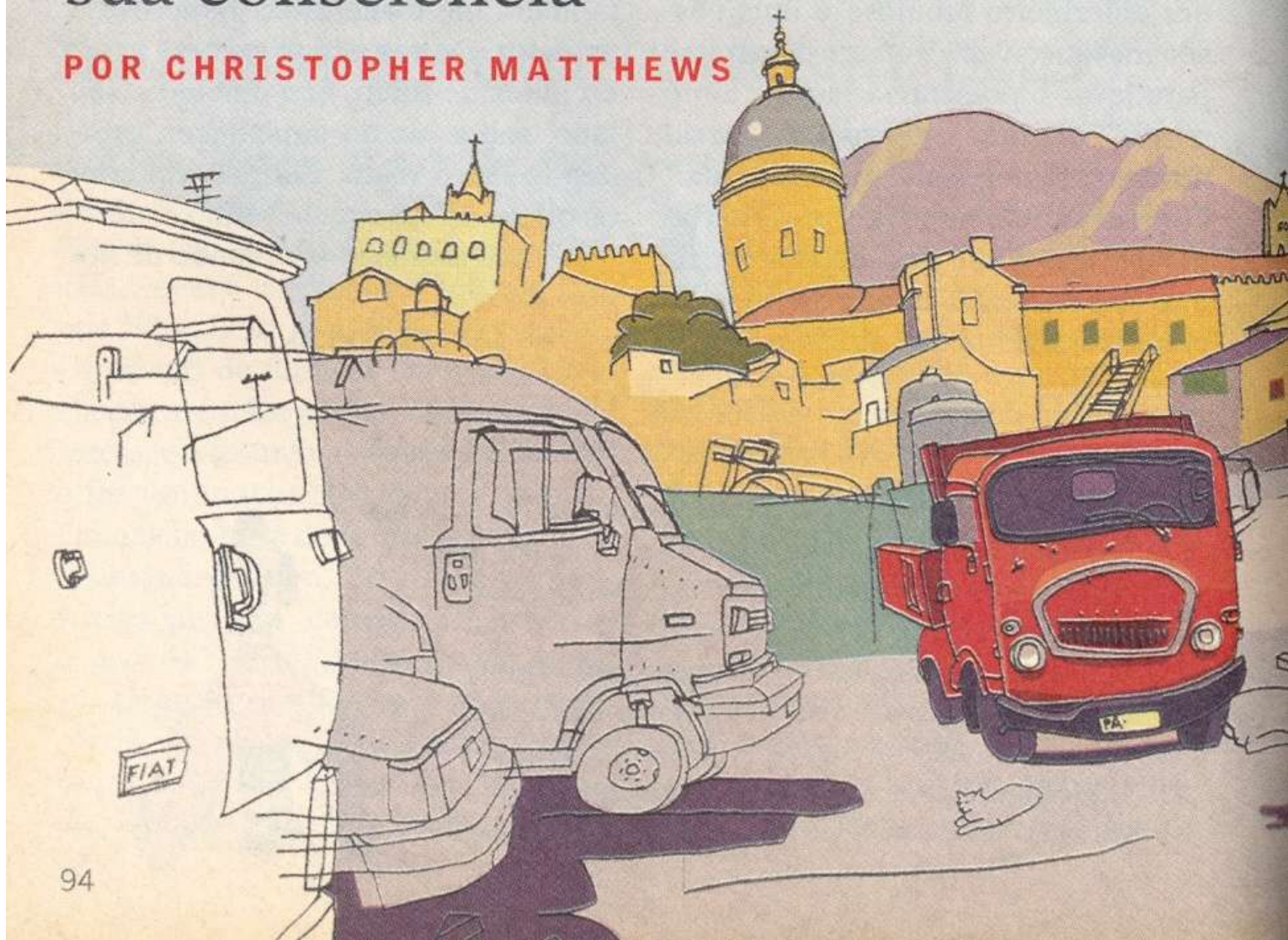


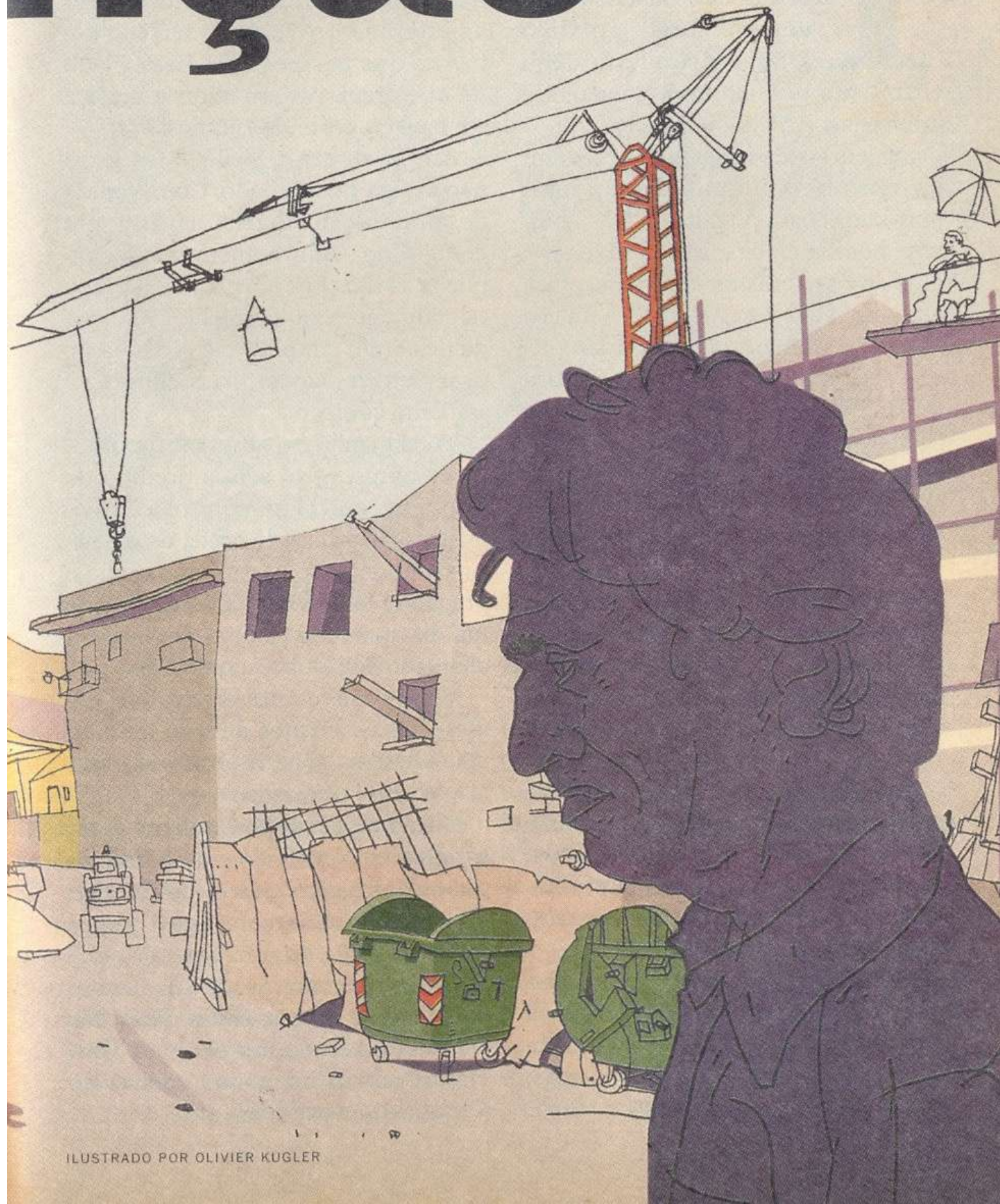
A rede de Enzo Lo Sicco

Durante anos ele deu dinheiro
à Máfia – até fazer o que mandava
sua consciência

POR CHRISTOPHER MATTHEWS



nção



ILUSTRADO POR OLIVIER KUGLER

INNOCENZO LO Sicco caminhava por uma rua estreita de Florença quando seus olhos pousaram na pequena placa de pedra. Estava instalada em um memorial próximo à famosa Galleria degli Uffizi, um dos maiores museus de arte renascentista do mundo.

Sua curiosidade aguçou-se e o empresário de Palermo chegou mais perto do local onde, havia três anos, uma bomba colocada pela Máfia explodira e matara cinco pessoas, entre elas um bebê. “Em 27/5/1993”, dizia a inscrição, “uma bomba assassina tirou a vida de uma pequena poetisa (Nadia Nencioni), de sua irmã Caterina, de seus pais Fabrizio e Angela-Maria e do estudante Dario Capolicchio. Eles continuam a viver no coração de todos os florentinos.”

Parado ali, naquele dia, Enzo, como os amigos o chamam, sentiu-se apavorado com o que sabia que deveria fazer. E no entanto, estranhamente, também sentiu algo que não experimentava havia anos: euforia.

CINCO ANOS ANTES, o futuro parecia promissor. Então com pouco mais de 40 anos, Enzo era um executivo da construção civil que sempre sonhara ser o próprio patrão – e o sonho estava se tornando realidade.

O homem magro, de cabelos negros e curtos, conhecia o setor da construção civil como a palma da mão. Assim, com suas economias, Enzo montou uma empresa.

No jantar de comemoração com a mulher, Rosalia, e os filhos Giuseppe, 15 anos, e Valentina, 12, ele fez um brinde: “À nova empresa.”

Seu primeiro projeto foi um pequeno prédio de apartamentos perto da estação ferroviária. O terreno era barato e as perspectivas, boas. Tudo de que precisava era obter a licença – e pagar a parte dos *mafiosi*.

Afinal, ali era a Sicília. Mas Enzo não estava preocupado. Com a ajuda de um intermediário, entrou em contato com um homem conhecido por suas ligações com a Máfia e que oficialmente era advogado. As condições eram simples: ele só tinha de usar determinados fornecedores. O trabalho começou.

Toda manhã, ao observar o canteiro de obras, Enzo sentia orgulho de seu pequeno reino, com os equipamentos, as pilhas de areia, os operários empurrando carrinhos de mão e pregando tábuas de madeira. Até que um dia apareceu na obra um homem chamado Sebastiano Lombardo.

Você cometeu um erro grave, ele disse. Os Gravianos deviam ter sido consultados. “Que isso não se repita”, avisou Lombardo.

Giuseppe e Filippo Graviano eram gângsteres conhecidos – tão perigosos que ninguém ousava pronunciar seus nomes. Controlavam o bairro de Brancaccio, na zona leste da cidade, onde Enzo morava; e Enzo evitava construir ali por causa deles. No entanto, o recado era claro: os Gravianos não eram donos apenas do território – eram donos *dele*.



"Você cometeu um erro grave", ele disse.

Os Gravianos deviam ter sido consultados.

Em meados de 1992, surgiu um local para construção na Corso dei Mille, a larga avenida onde Enzo morava. Então, ele procurou Lombardo.

A permissão para construir, disseram-lhe, custaria a metade de seus lucros. "Isso é ridículo!" As palavras saíram-lhe da boca antes que Enzo pudesse controlá-las. "Diga aos Gravianos que a resposta é não."

Lombardo bateu na própria testa, num gesto que significava que Enzo

devia estar maluco. Dias depois, porém, ele voltou, convidando Enzo para uma reunião.

Filippo *Fifo* Graviano, um homem franzino de 30 e poucos anos, tinha os olhos mais frios que Enzo já vira. Estava envolvido em vários crimes, inclusive na explosão de um carro-bomba, que causara a morte do famoso juiz anti-Máfia Paolo Borsellino. "Pensamos que lhe fazíamos um favor pedindo 50%", disse ele no encontro. "Em geral pedimos 60%."

Nervoso, Enzo engoliu em seco quando *Fifo* prosseguiu dizendo que os Gravianos confiavam nele e por isso haviam definido um valor equiva-

lente a 174 mil dólares, em dinheiro.

Havia outras condições. Tijolos, argamassa, cimento, aço e até pregos teriam de ser comprados de firmas controladas pela Máfia. O mesmo valeria para equipamentos de terraplenagem e serviços hidráulicos e elétricos. Enzo concordou.

ENZO MERGULHOU NO trabalho, mas agora sem prazer. Não se tratava do preço ou da qualidade dos suprimentos que tinha de comprar – estavam dentro da média. Mas as visitas diárias ao canteiro de obras eram um problema. Lombardo ou outro capanga circulavam pelo local como se fossem os donos. Se ordenassem a demissão de um empregado ou a contratação de outro, Enzo tinha de obedecer. O que acontecera com o sonho de ser o próprio patrão?

Havia ainda os problemas financeiros. Os negócios estavam devagar, e no fim de 1992, Enzo não tinha o dinheiro prometido aos Gravianos.

Ele adiou, até que um dia *Fifo* lhe deu um ultimato: dois apartamentos no lugar do dinheiro. Os imóveis valiam muito mais do que Enzo devia, mas ele concordou – como também aceitou dar aos Gravianos mais dois apartamentos em outro projeto.

O pai de Enzo costumava dizer que o respeito próprio era o bem mais precioso que um homem pode ter, e ensinou o filho a olhar as pessoas direto nos olhos. Agora Enzo achava difícil até mesmo se olhar no

espelho. Desculpe, pai, murmurava. No entanto, só se deu conta do quanto afundara quando o padre de sua paróquia, Dom Giuseppe Puglisi, foi assassinado.

Do púlpito na igreja de San Gaetano, em Brancaccio, Puglisi pregava contra a Máfia todos os domingos. No catecismo, ensinava às crianças que ser mafioso era pecado.

Num dia de setembro de 1993, um homem chegou por trás do destemido padre e atirou em sua nuca. O crime aconteceu a menos de cem metros de uma construção de Enzo.

Centenas de pessoas reuniram-se para protestar, carregando cartazes e gritando *slogans* desafiadores. Enzo, que os observava por trás de sua cerca de tela metálica, quis chorar. Também gostaria de expressar sua indignação pela morte de Puglisi. Mas não ousava. *O que fiz da minha vida?*, ele se perguntava.

QUANDO, no ano seguinte, *Fifo* Graviano foi preso, Enzo pensou que seus problemas deviam estar terminando. Mas enganava-se.

Outro homem de Graviano, Cesare Lupo, forçou Enzo a ceder mais três apartamentos. Lupo (lobo, em italiano) voltou mais tarde, exigindo outro apartamento e ainda um “presente” de 12 mil dólares. Enzo teve de fazer um empréstimo bancário.

Mas quando demorou a entregar os apartamentos, Lupo ficou exaltado. “Não temos tempo para criadores de caso!”, gritou. “Você vai acabar com uma bala na cabeça.”



**"Não temos tempo para perder",
ele gritou.**

"Você vai acabar com uma bala na cabeça."

A cena aconteceu diante dos olhos do filho de Enzo.

A situação financeira do construtor estava ficando dramática. A soma do que ele pagara ou devia aos mafiosos se aproximava de 1,3 milhão de dólares. Precisando com urgência de dinheiro, dera os apartamentos ainda por vender como

garantia de empréstimos e estava em apuros com os bancos.

O que lhe pesava mais, entretanto, era o efeito disso tudo em sua vida familiar. Vivia abatido e irritado, e, enquanto lutava para manter seu segredo, sentia-se cada vez mais distante de Rosalia e dos filhos.

À noite, Enzo fingia dormir. Não queria que Rosalia soubesse que passava grande parte da noite rolando na cama. Ela, por sua vez, sabia que algo perturbava o marido. E sabia também que, quando ele estivesse pronto, contaria a ela.

Um dia, em 1995, Enzo abriu o jornal e uma

fotografia chamou-lhe a atenção. Lupo havia sido preso!

Não fez diferença. Outro comparça de Graviano, Vittorio Tutino, apareceu e exigiu um apartamento. Quando Enzo tentou adiar, o homem lhe disse para cuidar bem do filho. Giuseppe, então com 21 anos, trabalhava com o pai.

Não muito tempo depois, ao chegar ao trabalho, Enzo soube que Giuseppe tinha saído de carro com Tutino. O desespero tomou conta dele. Mas o que poderia fazer? Se chamasse a polícia, pioraria a situação.

Uma hora se passou, depois outra. Enzo olhava o relógio compulsivamente, com um nó no estômago.

Por fim, o carro de Tutino passou pelo portão e Giuseppe desceu são e salvo. Enzo, trêmulo de alívio, abraçou o filho, que o olhou espantado. Giuseppe não percebera o perigo.

“Viu como teria sido simples?”, disse Tutino a Enzo.

A PÓS ANOS de humilhação, Enzo não podia suportar a visão de um mafioso. Odiava tudo neles – a arrogância, o modo indireto de falar, a violência.

Encheu as páginas de um caderno com detalhes de como os Gravianos e seus homens lhe haviam extorquido uma fortuna. Escondeu o caderno em casa, num local onde Rosalia não olharia normalmente, mas onde o acharia caso algo acontecesse a ele.

Não tinha certeza do que faria em seguida; precisava de tempo para pensar. Foi para a Toscana em busca de paz de espírito.

Enzo estava só naquele dia de junho de 1996, quando deparou com a placa de pedra em Florença. Depois de ler a inscrição, olhou para as mãos. E o que viu foi sangue. Pois, se esses monstros podiam espalhar tanto mal e continuar impunes, era graças a homens como ele. Ainda que não fosse culpado de nenhum crime, percebeu o quanto as verdades que escondia o condenavam. Não podia mais guardar silêncio.

De volta a Palermo, Enzo reuniu a

família e contou que havia anos dava dinheiro à Máfia, e como sua vida se transformara em um inferno.

– Não agüento mais – desabafou. – Quero ir à polícia, mas preciso saber a opinião de vocês.

– Faça o que achar melhor – chorando, Rosalia conseguiu dizer.

– O que vai acontecer conosco se você falar com a polícia? – perguntou Giuseppe.

Valentina encerrou a discussão:

– Faça o que for preciso, pai. Não se preocupe conosco. Você sabe que está certo e é isso que importa.

EM JANEIRO DE 1997, Enzo Lo Sicco encontrou-se com chefes de um esquadrão de investigações. À medida que contava sua história, o fardo de medo, dor e culpa ia ficando mais leve. Ele falou durante horas.

Nomes, datas, números de contas bancárias – Enzo deu à polícia uma mina de ouro em informações sobre as atividades dos irmãos Graviano.

Com base nas evidências fornecidas por Enzo, 20 membros do grupo de Graviano foram julgados em 1999 e sentenciados a um total de 136 anos de prisão.

Enzo mudou-se com a família para outra cidade, no programa de proteção à testemunha. Ele teve de recomeçar do zero, sobrevivendo com uma ajuda financeira do governo que corresponde a apenas uma fração do que costumava ganhar.

“Não tem sido fácil, mas a família está unida”, disse ele. “Agora posso me olhar no espelho.” ■